

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Prefácio: Olhar para trás e ver o que já foi lido com</b> |           |
| <b>Paulo Freire e Maria Carolina de Jesus .....</b>          | <b>4</b>  |
| <b>Despejo da Leitura .....</b>                              | <b>6</b>  |
| <b>Referências .....</b>                                     | <b>10</b> |

Escrevo diante da janela aberta.  
Minha caneta é cor das venezianas:  
Verdel ... E que leves, lindas filigranas  
Desenha o sol na página deserta!

*Mário Quintana*

Este pequeno livro foi elaborado durante  
a disciplina “Paratextos Editoriais”  
ministrada no curso de Letras da  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Professor Gustavo Cerqueira  
Aluna Maria Alice Silva  
1º/2017

Reproduzido de acordo com a ortografia considerada em suas respectivas edições.

## **Olhar para trás e ver o mundo que já foi lido: Leitura de Paulo Freire e Maria Carolina de Jesus**

Os trechos a seguir foram relacionados a fim de materializar um pouco do valor que Paulo Freire destaca e atribui em seu texto *A importância do ato de ler* apresentado em 12 de novembro de 1981 na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas. Em seu texto Paulo Freire chama a atenção para o problema dos moldes pensados na educação para educação. Os pontos que deveriam ser valorizados para concretizar o ato de leitura e escrita a partir da percepção do educando.

Uma mesma experiência vivenciada por diferentes atores da vida real gera diferentes relatos de seus protagonistas, sendo assim a visão do mundo como construção individual pode ser um fator para auxiliar a desconstrução do atual sistema de ensino? Essa resposta pode ser encontrada no jargão “Aprendo muito mais com meus alunos do que ensino”.

Selecionei alguns fragmentos da “leitura” de Paulo Freire e fragmentos de “leitura” de Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de despejo*, os quais se relacionam sob o ângulo comum da sociedade e individual existente em diferentes contextos.

Olhar para trás a fim de fazer a re-leitura e re-escrever o presente, é um dos caminhos apontados por Paulo Freire quando suscita em seu texto sobre a visão de mundo que fazia antes mesmo de aprender a escrever. “Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado a ‘reler’ momentos fundamentais de minha prática, guardados na

memória, desde as experiências mais remotas (...) em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. ”

Maria Carolina de Jesus escreveu de maneira autêntica sua experiência vivida durante a maior parte de sua vida. Com simplicidade traduziu para além de seus “muros” um pouco de sua dura vivência, mas o que nem imaginava era que com isso estava colocando à disposição do mundo, sua leitura e seu entendimento das coisas que a cercava. Deixa o exemplo de como somos tão parecidos, aos que concordam com sua visão, mas ao mesmo tempo, como temos métodos diferentes para apreender aquilo que realmente irá nos ensinar cada um em seu contexto.

Sua voz encontra resistência até hoje na “literatura”, porque afinal de contas relato da convivência social de uma moradora da favela não é considerado como visão crítica de mundo e muito menos para qualificar alguém como escritora. Como aconteceu com diversos escritores que em sua contemporaneidade não passavam de depressivos boêmios e suas obras como tal eram o resultado falido de uma arte fúnebre, mas que desenhava tão bem o presente muitas vezes escondido em modelos e ideais impostos pela sociedade vigente.

Leituras como estas que nos servem de apoio hoje para entender melhor o caminho político e social ao qual estamos submetidos.

Carolina Maria de Jesus olhando para trás é um dos símbolos deste desafio que a todos compete sermos leitor de si mesmo, do seu mundo e do mundo ao redor e do outro e dos outros.

## Despejo da Leitura

### *Maria Carolina de Jesus*

27 de maio ...Percebi que no frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago.

Comecei sentir boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marco-me para passar fome.

...Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

...A comida no estômago é como o combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslizava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida.

### *Paulo Freire*

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto." Escrita e Leitura de mundo.

*Maria Carolina de Jesus*

12 de junho Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.

Fiz café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama.

As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.

*Paulo Freire*

...enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. ... este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Movimento dinâmico).

*Maria Carolina de Jesus*

... Ainda não li que São Paulo tem prédio tão elevado assim. Depois eu pensei: eu não saio do quarto de despejo, o que posso saber o que se passa na sala de visita?

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com suas úlceras. As favelas.

17 de agosto ...Quando fui almoçar fiquei nervosa porque não tinha mistura. Comecei ficar nervosa. Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e pus fogo. Nas épocas eleitorais ela diz que luta por nós.

*Paulo Freire*

Esta “leitura” mais crítica da “leitura” anterior menos crítica do mundo possibilitava aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente da sua indignação. É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra hegemônica.

*Maria Carolina de Jesus*

Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornecem os argumentos.

*Paulo Freire*

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

...é da intimidade da consciência, movidas pela bondade dos corações, que o mundo se refaz. E, já que a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais.

..., porém, é preciso que a educação dê carne e espírito ao modelo de ser humano virtuoso que, então, instaurará uma sociedade justa e bela.

Concluindo estas reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido, gostaria de dizer que, depois de hesitar um pouco, resolvi adotar o procedimento que usei no tratamento do tema, em consonância com a minha forma de ser e com o que posso fazer.

## Referências

QUINTANA, Mário. **A rua dos Cataventos**. 2 ed. São Paulo. Globo, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 32 ed. São Paulo. Cortêz Editora, 1996.

JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 8 ed. São Paulo. Editora Ática, 2006.